



A nomeação de Saraiva Guerreiro é a resposta de Sarney à intolerância dos credores

Nomeação é resposta aos credores

Aylê-Salassié

A nomeação ontem, pelo presidente José Sarney, do ex-ministro do governo Figueredo, Ramiro Saraiva Guerreiro, para o cargo de Embaixador Extraordinário para Assuntos da Dívida Externa, é uma resposta clara de Sarney à intolerância dos credores do Brasil e, ao mesmo tempo, uma reafirmação da inflexibilidade brasileira no sentido de conduzir o encaminhamento da solução para a dívida externa na esfera estrita da negociação política.

Saraiva Guerreiro, ex-ministro das Relações Exteriores e ex-embaixador em Roma, terá a incumbência de veicular a posição brasileira junto aos governos dos países credores e organismos financeiros internacionais, usando para isto suas credenciais diplomáticas, mas, principalmente, sua paciência, hoje acrescida da posição de embaixador em fim de carreira, sem grandes compromissos em encontrar soluções urgentes.

Segundo uma fonte do Palácio do Planalto, foram examinados vários nomes de dentro e fora do Itamarati para ocupar o cargo dentro da nova comissão de Assessoramento Presidencial para a

negociação da dívida externa, mas o nome de Guerreiro emergiu rápido, devido ainda a posições claras assumidas, por ele, quando à frente do Itamarati. Ele foi um dos principais articuladores do Grupo de Cartagena, integrado por países latino-americanos, e criado para a discussão da dívida externa do conjunto de seus membros. Sua posição em relação aos países do Terceiro Mundo é também considerada avançada, tendo sido ele o autor do discurso forte que o ex-presidente João Batista Figueredo pronunciou na Organização das Nações Unidas, questionando a falta de compreensão dos países industrializados para com os mais pobres.

Radicalização

Assim, para a radicalização dos banqueiros credores do Brasil, colocando a dívida brasileira sob a pecha de "non performing", depois de há vários anos engordarem lucros líquidos monumentais em seus balanços anuais com serviços da dívida do Brasil, conforme tem demonstrado o Citibank, o presidente Sarney perdeu a paciência com os bancos e entregou-lhes às mãos de Guerreiro. "Ele não briga, não grita, nem se enerva, como o nosso ministro Dilson Funaro, chamado de "emocional".

Com Guerreiro os banqueiros vão ficar à vontade para discutir a dívida".

Por outro lado, ao exercerem pressões insuportáveis sobre o Brasil, pressões estas que, de certa maneira, tentam arrancar nossa soberania, os credores deixaram o governo brasileiro com a opção única de insistir na tese do tratamento político da dívida externa dos países pobres, negociação, cujos trâmites nos foros internacionais é lenta, permitindo, por isso, ao Brasil, enquanto persistir a discussão do assunto, reaplicar internamente seus US\$ 10 bilhões, outrora destinados ao pagamento dos serviços da dívida.

Comissão

Paralelamente, no Senado acaba de ser criada uma comissão para analisar a origem e a legitimidade da dívida externa brasileira. Embora esteja claro que a constituição da comissão tem o se pode contestar a autonomia do Senado para fazer esse tipo de questionamento das ações e compromissos assumidos pelo governo, em nome da Nação: a democracia norte-americana, que nos tem servido de modelo, funciona assim.